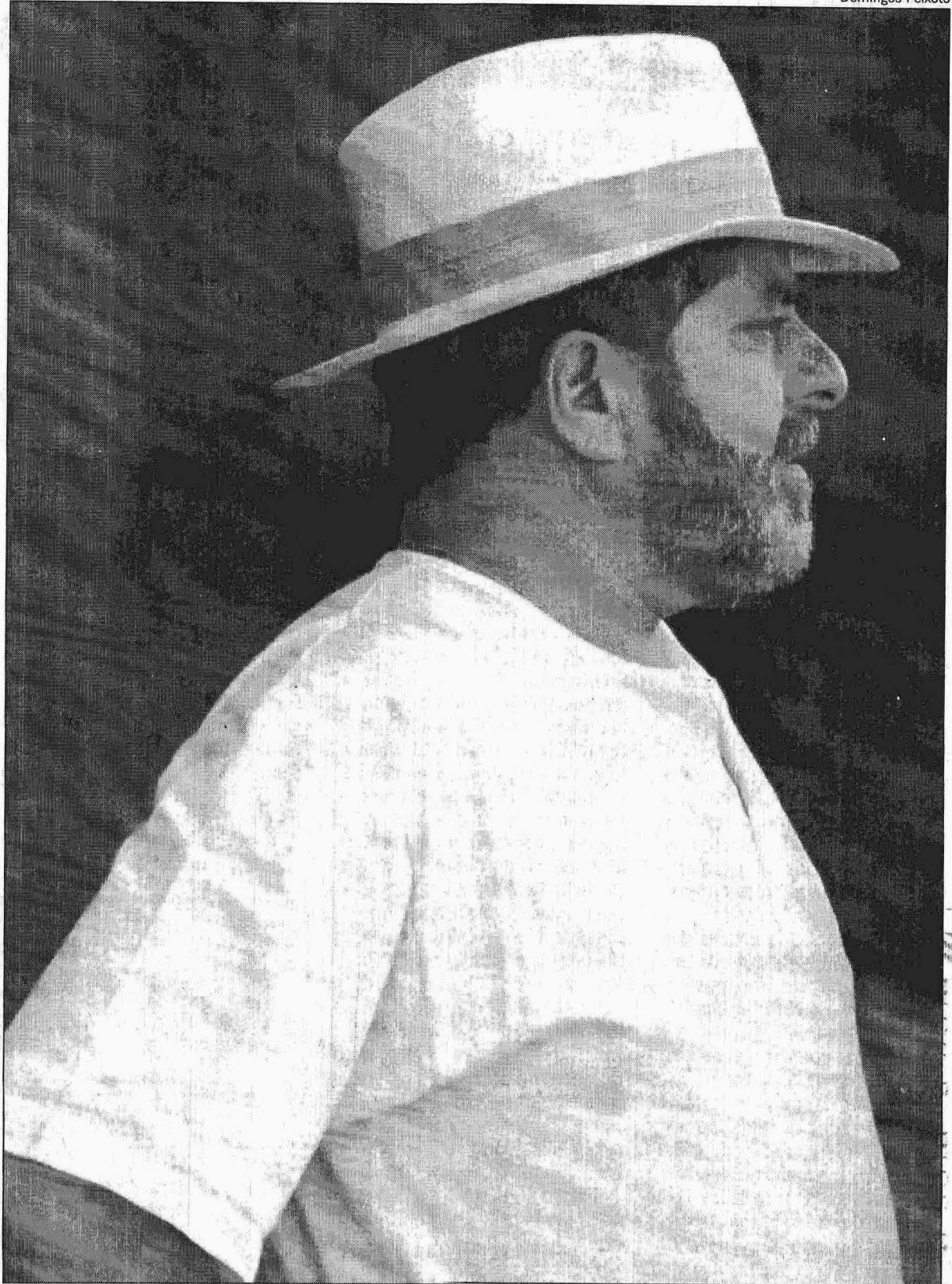




CIRO GOMES: venda de estatais para ajudar a pagar a dívida interna e tributação sobre o consumo, diminuindo o IR



LULA: DEFESA do funcionalismo público e das estatais e reforma tributária para sustentar ações sociais

Oposição apresenta dois caminhos

Para analistas, diferenças entre Lula e Ciro dificultariam aliança automática num 2º turno

Aziz Filho

As dificuldades da oposição para lançar candidato único a presidente — que resultaram na filiação do ex-ministro Ciro Gomes ao PPS como alternativa a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) — não são fruto apenas do jogo de interesses inconciliáveis dos dirigentes das legendas de esquerda. Nas movimentações das últimas semanas, a oposição expôs dois projetos distintos de substituição do modelo de desenvolvimento do país. Entre analistas políticos, é quase unânime a opinião de que as diferenças entre o centrista Ciro e o esquerdista Lula são tão grandes que, se por um lado atrapalham a bipolarização sonhada pelo Governo, não há garantias de alinhamento automático dos dois num segundo turno.

Os vários encontros internacionais em que Lula e o presidente do PT, José Dirceu, debateram com Ciro propostas alternativas ao neoliberalismo não foram suficientes para criar um denominador comum entre os dois eixos que a esquerda deverá ter na eleição. Enquanto o PT mantém a defesa intransigente do funcionalismo público e das estatais, prometendo uma reforma tributária para sustentar ações sociais compensatórias, Ciro defende a venda de empresas para ajudar a pagar a dívida interna, reforça a tendência de globalização da economia e propõe a tributação sobre o consumo, idéia abominada pelo PT.

Em livro com Mangabeira Unger, Ciro defende Estado forte

Junto com o filósofo Roberto Mangabeira Unger — dirigente do PDT com assento na Academia Americana de Artes e Ciências — Ciro expôs suas idéias no livro "O próximo passo — Uma alternativa prática ao neoliberalismo", que surpreende pela defesa de um Estado "forte e atuante" para fazer parcerias com a iniciativa privada e impulsionar setores menos desenvolvidos da economia.

O PT ainda não elaborou seu programa para 1998, mas certamente não seguirá as linhas de Ciro nem terá inovações radicais em relação à campanha presidencial de 1994. Deverá manter a ênfase na reorientação dos gastos estatais e no resgate da dívida social, com

destaque para a reforma agrária.

"O próximo passo", de Ciro, gasta muito mais páginas com medidas até impopulares para aumentar a arrecadação — com sacrifícios que Ciro compara aos de uma família endividada e ameaçada por agiotas — do que com promessas de compensação para os brasileiros de baixa renda. Uma reforma administrativa que premie o mérito de um funcionalismo enxuto é outro ponto que o PT não assinaria, dado o peso das corporações de servidores no partido.

Para o cientista político Fabiano Guilherme Mendes dos Santos, do Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Iuperj), Ciro terá dificuldades na campanha para diferenciar seu projeto das propostas do Governo Fernando Henrique Cardoso. As diferenças, segundo Fabiano, são detalhes nas medidas para corrigir o Plano Real.

— Como Ciro vai se acomodar na centro-esquerda estando identificado com uma proposta que fica do outro lado, de onde ele saiu por não ter espaço? É difícil achar pontos em comum entre ele e o PT — diz Fabiano, que, apesar disso, considera que Ciro tem mais condições

de fazer uma campanha de oposição efetiva, por ter saído de dentro do Governo e conhecer minúcias do Real.

— Suas críticas não soam como choro de perdedor — compara, afirmando que a força de Ciro estará no setor popular difuso que apóia o plano e na classe média que se decepcionou com o Governo mas não confia no PT.

O cientista político diz que Ciro teria dificuldades em fazer reformas do Estado com uma base pressionando por gastos sociais. Ele não tem dúvidas sobre as ações políticas de um segundo Governo Fernando Henrique: conclusão das reformas e tentativa de aprovar o parlamentarismo, para que Fernando Henrique volte como primeiro-ministro. Já o Governo Lula seria uma incógnita.

— O PT teria que tatear. Como governaria com a economia internacional impondo tantos constrangimentos às administrações dos países?

O diretor do Departamento de Ciências Políticas da PUC do Rio, Eduardo Raposo, diz que ainda é cedo para antecipar os temas da eleição, além da óbvia discussão sobre a estabilidade. Ele acredita que um dos temas será a refor-

ma agrária, expressão que Ciro não usou sequer uma vez em "O próximo passo". O livro ressalta a necessidade de parceria entre o Estado e a produção agrária familiar, nos moldes da que foi feita nos Estados Unidos.

— Ciro fez com Tasso uma dupla importante no Ceará, com visões moderna e comprometida com questões sociais, mas é cedo para saber o que ele significaria na campanha. É difícil ver um denominador comum entre ele e o PT. Cada um fala em reformas diferentes. As de Ciro se parecem com as de Fernando Henrique — reforça Raposo.

Mangabeira reage com irritação à idéia de semelhança entre Ciro e Fernando Henrique. Segundo ele, o atual presidente não promete com clareza refundar o Real em projetos desenvolvimentistas e não indica como aumentará a poupança interna ou acabará com a divisão do Brasil entre um país organizado e desenvolvido e outro atrasado, informal e marginal.

— Nossa proposta é radicalmente oposta à do Governo. Há divergências pontuais entre Ciro e o que pensa o PT, mas não dá para falar em antagonismo

porque sequer se sabe o que o PT terá como propostas para aumentar a poupança interna e garantir a estabilidade sobre outras bases — diz Mangabeira.

A cientista política Lucia Hippolito diz que o PT não vai conseguir esconder do eleitor que a candidatura é para dentro do partido, para conseguir a unidade entre radicais e moderados. É o adversário que Fernando Henrique queria, segundo Lucia, porque representa "uma oposição birrenta, adolescente e chata". Um Governo Lula, segundo ela, tenderia a ser retrógrado, no qual "a parte menos empoeirada da esquerda não teria voz e tudo seria dominado pelo saudosismo do grande Estado que resolve os problemas do mundo".

— O capital iria se virar, como sempre. Haveria assistencialismo e clientelismo, com a classe média pagando a conta de novo — diz.

Para Lucia Hippolito, Ciro é "frágil e pouco confiável"

Ciro, para Lucia, é frágil e pouco confiável, mas uma novidade importante por se inserir na agenda da sociedade. A dificuldade de sua campanha, segundo ela, será prometer algo diferente do que se tenta hoje em Brasília.

— As diferenças entre Ciro e o Governo não são fáceis de ser explicadas numa campanha. Ele tem propostas mais sofisticadas do que as de Lula e propõe o desenvolvimentismo, mas Fernando Henrique também — afirma Lucia, para quem um Governo Ciro dependeria do grau de hegemonia política que ele teria para cortar gastos tendo no encaixo uma base populista pressionando por despesas sociais.

Num segundo mandato, segundo Lucia, Fernando Henrique tentaria "governar de fato". A hipótese de ele tentar aprovar o parlamentarismo para virar primeiro-ministro, segundo ela, não pode ser descartada.

— Tudo é possível. A taxa média de insanidade e a capacidade deste Governo de fazer besteira é muito grande. O PSDB vive atirando no próprio pé — diz ela, que acha positiva a entrada de Ciro para quebrar a polarização entre Fernando Henrique e Lula porque "campanha eleitoral sem graça e com resultado previsível é a pior coisa do mundo". ■